

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

Nathália Giovanna Pellozo

**ABANDONO DO TRABALHO DOCENTE: DESAFIOS E DIFICULDADES NA
DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Goiânia

2016

Nathália Giovanna Pellozo

**ABANDONO DO TRABALHO DOCENTE: DESAFIOS E DIFICULDADES NA
DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física, sob orientação do Professor Dr. Heitor de Andrade Rodrigues.

Goiânia

2016

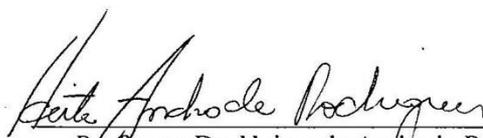
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**ABANDONO DO TRABALHO DOCENTE: DESAFIOS E DIFICULDADES NA
DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho apresentado para obtenção do título de
Licenciada em Educação Física pela
Universidade Federal de Goiás, sob orientação
do Professor Dr. Heitor de Andrade Rodrigues.

Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Goiânia, março de 2016



Professor Dr. Heitor de Andrade Rodrigues.

Este trabalho é dedicado, aos meus pais Paulo Martins Pellozo e Marly Maria de Souza Pellozo, aos meus irmãos Daniele Tomazia Pellozo e Paulo Vitor Pellozo e ao meu noivo Rafael Mário Rodrigues da Silva.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, em que todos os passos que dei até aqui pude sentir sua presença que auxilia, consola e fortalece. Agradeço aos meus pais, irmãos e noivo que me apoiaram durante a minha graduação, com amor, carinho e força para nunca desistir. Agradeço aos meus professores e professoras que tive o privilégio de ser discente e pude aprender e crescer como estudante e profissional, em especial ao meu professor e orientador Heitor, que demonstrou sempre a dedicação e o amor pela docência, e fico imensamente grata por todo apoio, reuniões, correções e paciência para orientar essa monografia. Não poderia deixar de lembrar dos amigos que fiz até aqui, agradeço toda a turma 38, mas em especial a minhas amigas Lud, Mari e Amandinha juntas superamos nossos medos, angústias e indecisões e hoje estamos aqui após 4 anos, aguardando o tão sonhado diploma, obrigado por tudo meninas sem vocês não seria a mesma coisa.

RESUMO

O objetivo geral do presente trabalho foi investigar o fenômeno do desinvestimento pedagógico e do abandono do trabalho docente no contexto da Educação Física. Por sua vez, os objetivos específicos foram identificar as dificuldades enfrentadas na docência, bem como as alternativas vislumbradas pelos próprios professores para reversão desse quadro. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, o instrumento de coleta de dados a entrevista e a técnica de análise de dados foi a análise de conteúdo. Os sujeitos participantes foram quatro professores de Educação física atuantes na Educação Básica. Os resultados revelaram que os professores enfrentam diversas dificuldades e desafios, com destaque a desvalorização da Educação Física dentro da escola, que no caso específico desse trabalho se configurou através dos atores escolares (alunos, direção e gestão), os quais não consideram a Educação Física como um componente curricular da Educação Básica, responsável por um campo do saber. Além disso, foram identificadas dificuldades relativas à falta de material e estrutura física, conflito entre gestão e professor, o descompromisso dos alunos em relação as aulas e a resistência por outras atividades que não seja jogar bola. Para fazer frente a essa realidade os professores vislumbram a necessidade de mudanças, como a valorização da disciplina, melhoria de salário e condições de trabalho.

Palavras-chave: Abandono do trabalho docente; Desinvestimento pedagógico; Educação Física escolar.

SUMÁRIO:

1. Introdução	7
2. Do desinvestimento pedagógico à evasão docente: uma revisão da literatura	9
3. Procedimentos Metodológicos	16
3.1 Pesquisa qualitativa.....	16
3.2 Pesquisa exploratória	17
3.3 Instrumento de coleta de dados.....	17
3.4 Roteiro de questão	19
3.5 Os sujeitos participantes	19
3.6 A técnica de análise de dados	19
4. Resultados e Discussões	21
4.1 Descrição dos dados.....	21
4.2 Discussão do resultado.....	28
5. Considerações Finais	33
REFERÊNCIAS:	34

1. Introdução

Ao longo do curso de licenciatura em Educação Física, discutimos em várias disciplinas a Educação Física escolar, o que me despertou interesse nessa área. Dentre os diversos assuntos debatidos me chamou atenção as inúmeras críticas relativas à atuação do professor de Educação Física na escola, o que me instigou a ser uma profissional que fizesse a diferença. Contudo nas experiências do Estágio, percebi que as críticas feitas aos professores de Educação Física estavam além de sua atuação e envolviam a escola, o Estado, os alunos e outros fatores.

A escola passa por diversos problemas, em especial na rede pública de ensino. Pesquisadores têm denunciado que a escola enfrenta diversas dificuldades, Gaspari et al. (2006, p.10), em pesquisa sobre a realidade dos professores de Educação Física, afirmam que:

[...] são vários os desafios: analfabetismo, evasão, baixa qualidade do ensino [...], a má formação de professores, os baixos salários, as estruturas escolares engessadas e burocratizadas, os currículos "gradeados" - disciplinas, gestões escolares verticalizadas.

Dentro deste contexto entra a Educação Física escolar que vem sendo desqualificada, "a desvalorização da educação é um forte motivo de preocupação, e a Educação Física sofre preconceitos ainda mais acentuados. " (GASPARI et al. 2006, p.116). No caso da Educação Física, além das dificuldades próprias da escola, acrescenta-se a falta de estrutura física, falta de material, diminuição da quantidade de aulas, falta de qualificação profissional, indisciplina dos alunos, desvalorização da disciplina (GASPARI et al. 2006). O que tem levado os professores a questionarem a relevância de sua disciplina e trabalho, desembocando em um fenômeno cada vez mais presente no trabalho docente, o desinvestimento pedagógico e/ou o abandono da profissão docente.

No caso específico da EF, o desinvestimento, por nós adjetivado de pedagógico corresponderia àqueles casos em que os professores de EF escolar permanecem em seus postos de trabalho mas abandonam o compromisso com a qualidade do trabalho docente (MACHADO et al. 2010 p. 132).

Um dos termos que denomina pejorativamente tais professores é o professor "rola bola", os quais entregam a bola aos alunos e se eximem do ato educativo.

No que diz respeito ao abandono do trabalho docente, segundo Pich et al. (2013, p. 634) “toda prática pedagógica realizada pelo professor que não se realize no contexto de um projeto de ensino-aprendizagem e busque abranger todos os alunos da turma, é considerada por nós abandono do trabalho docente, portanto como uma não-aula.”

Assim, Gonzáles et al. (2013, p.13), em sua pesquisa sobre o abandono do trabalho docente, aponta que:

[...] abandono do trabalho docente é oportunizado ou facilitado por uma cultura escolar que tem expectativas muito limitadas em relação à Educação Física e daquilo que os professores podem ensinar em suas aulas. Uma grande parte da comunidade escolar não espera muito das aprendizagens oportunizadas pela disciplina.

A caracterização do professor "rola bola" e o abandono do trabalho docente, envolve então, outras questões do interesse geral, da direção da escola e dos demais profissionais da instituição. Em relação as aulas de Educação Física, esperando que o professor seja aquele que organiza eventos na escola, que controla e organiza os alunos no pátio, que cuida de demandas além de sua atuação, confundindo sua atuação com outros autores escolares (GONZÁLES et al. 2013). Este profissional seria considerado como o bom professor de Educação Física, não sendo importante o desenvolvimento de sua aula e a aprendizagem de seus conteúdos, gerando um desgaste profissional, e em alguns casos acarretando uma evasão desses profissionais da escola.

Diante desses elementos, o objetivo da presente pesquisa foi investigar o fenômeno do desinvestimento pedagógico e do abandono do trabalho docente no contexto da Educação Física. Os objetivos específicos foram identificar as dificuldades enfrentadas na docência, bem como as alternativas vislumbradas pelos próprios professores para reversão desse quadro.

2. Do desinvestimento pedagógico à evasão docente: uma revisão da literatura.

Para fundamentar esta pesquisa foram usados artigos sobre os temas do desinvestimento pedagógico, abandono do trabalho docente e a evasão docente.

O abandono do trabalho docente e/ou desinvestimento pedagógico estão cada vez mais presentes na área da Educação Física escolar, pesquisadores vem desenvolvendo trabalhos acerca desses temas, no intuito de compreender esses fenômenos. No âmbito da literatura estes termos, abandono e desinvestimento, têm sido tratados de maneiras semelhantes.

Machado et al. (2010, p.132), em pesquisa sobre o estado de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar, afirma que:

O professor que temos denominado *em estado de desinvestimento pedagógico* é aquele cuja prática recebe denominações como *rola bola* e/ou como *pedagogia da sombra*. Geralmente, ele se encontra em estados nos quais não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade.

Mai e Fensterseifer (2012, p. 2), abordam o “desinvestimento pedagógico [...] como a postura adotada por aqueles professores que continuam atuando nas escolas, contudo não investem em práticas pedagógicas de qualidade.” Nesses casos são professores que não cumprem com o papel de investir pedagogicamente em suas aulas, privando o aluno de aprender algum conteúdo.

Em relação ao termo “abandono do trabalho docente”, Gonzáles et al. (2013, p. 3), descrevem que:

O abandono do trabalho docente [...] é entendido como uma forma de atuação profissional que recebe denominações do tipo *rola bola*, *largobol*, *aula matada*. [...]. Com frequência, o professor com este perfil converte-se em simples administrador de material didático, atividade que não exigiria, em princípio, formação superior.

Pich et al. (2013, p. 634) em sua pesquisa sobre o caráter funcional do abandono do trabalho docente, destacam que: “toda prática pedagógica realizada pelo professor que não se realize no contexto de um projeto de ensino-aprendizagem e busque abranger todos os alunos da turma, é considerada por nós abandono do trabalho docente [...]”.

As características deste fenômeno conceituado, pouco estudado, se voltam para a figura do professor como único culpado, considerado um “mau professor”, que não tem

compromisso, preguiçoso e ocioso (MACHADO et al., 2010). É preciso então compreender o fenômeno em sua complexidade, considerando a figura do professor, bem como o contexto em que ele está inserido.

No imaginário social da escola, os profissionais da área, muitas vezes, são vinculados a imagem de professores que “jogam a bola” para os alunos e não necessitam de sustento teórico-metodológico, preparação e planejamento para suas aulas. Essa imagem depreciativa do professor de Educação Física, contestada e fortemente criticada na escola, precisa ser compreendida na sua relação com a cultura escolar instituída, no sentido de identificar também a aceitação tácita que ela recebe dos diversos atores da comunidade escolar (PICH et al., 2013, p. 632).

Dentre os fatores que conduzem o professor ao desinvestimento pedagógico e o abandono do trabalho docente Pich et al. (2013) destacam a desvalorização do professor de Educação Física dentro da escola, sobretudo pela visão da direção e dos demais atores escolares sobre a disciplina, a qual tem sido concebida como um momento dos alunos brincarem e gastarem energia, e de disciplina secundária. “A escola possui uma visão acerca da função pedagógica da EF muito distante da perspectiva que a entende como um componente curricular com um saber a ser transmitido/tematizado [...]” (MACHADO et al., 2012, p. 139).

Assim a própria escola não dá legitimidade para a Educação Física, mesmo sendo um componente curricular obrigatório.

Queremos, assim, chamar a atenção para o fato de que a escola, em algumas oportunidades, ao não conferir à EF o estatuto de disciplina escolar mediadora de um conhecimento/saber, pode dificultar, em razão desse não reconhecimento, a produção de práticas pedagógicas de qualidade (MACHADO et al. 2012, p. 139).

Mai e Fensterseifer (2012) pontuam a dificuldade dos professores de Educação Física em relação aos materiais e espaço adequados para as aulas de Educação Física e a dificuldade de diálogo entre professor e direção para obter material necessário, restringindo somente a poucas bolas de futsal e vôlei.

A escola, a equipe diretiva, os professores, o próprio profissional que atua na área e o poder público, de certa forma desinvestem nesse componente curricular quando deixam de oferecer apoio e/ou condições para o desenvolvimento de uma prática pedagógica integrada à proposta da escola (MAI; FENSTERSEIFER, 2012, p. 5).

Esses fatores fazem com que os professores criem “atalhos” para satisfazer a todos, e aqueles que tentam se comprometer com as aulas se frustram ao longo da docência, quando não satisfazem as expectativas da comunidade escolar. Pich et al. (2013), relata essa realidade de dois professores, um que se acomodou com a realidade e viu que era mais fácil se adaptar ao que estava inserido. E outra professora que mesmo diante de uma realidade conflituosa, tentava ministrar sua aula com qualidade, porém se sentia limitada e frustrada com as dificuldades que estavam a sua volta.

[...] abandono do trabalho docente da Educação Física para a cultura escolar pode ser justificado (e tornar-se funcional) com base na expectativa e aceitação dos demais agentes da cultura escolar instituída. Esse quadro se confirma por seu oposto: os professores que procuram “dar aula” encontram sérias dificuldades que os afetam tanto na constituição da sua identidade profissional, bem como na sua vida pessoal (PICH et al., 2013, p. 635).

Outros casos também relacionados são os problemas da “[...] formação inicial e a atuação profissional; supervalorização do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física; a desvalorização da Educação Física; a insatisfação financeira; e o desencanto com o magistério.” (MAI; FENSTERSEIFER, 2012, p. 9).

São múltiplos fatores que configuram essa realidade, destaca-se ainda o uso indiscriminado de contratos temporários, ter múltiplas funções além do seu cargo, quantidade de alunos e turma, falta de espaço físico e materiais para as aulas, carga horária excessiva que acarreta a falta de tempo para qualificação (SANTINI; NETO, 2015). E também os fatores sociais que permeiam a escola, principalmente o contexto que esta inserida, em destaque a violência, que afeta o estado emocional do professor, Santini e Neto (2015, p. 216) mostram em sua pesquisa essa realidade enfrentada em escolas públicas, os professores, “[...] revelam um quadro de medo, ansiedade e insegurança no ambiente de trabalho que, ao fazer parte do seu cotidiano, conduz os professores, em estados mais graves, à depressão, comprometendo sua função educativa.”

Os vários elementos apontados geram nesses professores um esgotamento profissional e a consequência dessa realidade é a desistência da docência e a procura de emprego em outras áreas.

Em consequência, em casos extremos, muitos professores poderão vir a abandonar a própria função docente por causa do desgaste experimentado durante seu ciclo profissional. Porém, muitos podem permanecer, mas

trabalhando muito abaixo de seu potencial. Como forma de manter o emprego, o professor vê-se obrigado a adotar mecanismos defensivos, de modo a garantir sua subsistência e a de sua família (SANTINI; NETO, 2005 p. 217).

Além dos aspectos relacionados ao desinvestimento e do abandono, alguns autores têm caracterizado o aspecto da evasão, que é o professor desistir da escola ou até desistirem da carreira ou profissão. Assim a insatisfação dos professores na escola tem contribuído para uma evasão da docência, que se configura não somente com os professores de Educação Física, mas também com professores de outras áreas. Lapo e Bueno (2003) trazem em sua pesquisa professores que desistiram do magistério e de trabalharem na rede pública de ensino. Através de questionários aplicados aos professores, constaram que os processos contínuos de descontentamento dentro da escola e fatores pessoais, propiciaram a saída dos professores da escola.

[...] sobrecarga de trabalho; depois, a falta de apoio dos pais dos alunos, um sentimento de inutilidade em relação ao trabalho que realizam, a concorrência com outros meios de transmissão de informação e cultura e, também, é claro, os baixos salários (LAPO; BUENO, 2003, p. 77).

O descontentamento com a docência resulta em frustração, sentimentos de medo, angústia, auto-estima baixa, em que o ambiente escolar se transforma em um grande mal-estar. “Os professores assumem posturas defensivas que podem ir desde comportamentos agressivos, queixas constantes, críticas excessivas etc, até o distanciamento do ambiente, restringindo o convívio com os alunos, colegas e diretores ao mínimo possível. ” (LAPO; BUENO, 2003, p. 78). Deste modo, ser professor se transforma em uma sobrecarga que não corresponde mais ao seu ideal de profissão e interesse, resultando também em problemas de saúde, desde o estresse ao esgotamento profissional.

[...] o que acaba por acontecer é que as pessoas passam a desacreditar na possibilidade de atingirem seus objetivos naquele local de trabalho, de vez que se sentem enfraquecidas e tomadas por sentimentos de impotência, de falta de sentido naquilo que fazem, isoladas pessoalmente, sentindo-se estranhas em seu próprio meio e estranhas em relação a si próprias (LAPO; BUENO, 2003, p. 83).

Diante destas tensões o professor antes de deixar seu cargo definitivamente, começa a elaborar maneiras para suportar essa carga ou até mesmo por conta da saúde se distanciar do trabalho, que é definido por Lapo e Bueno (2003, p. 80) por abandono temporário, o que se

caracteriza “por meio de faltas, licenças curtas e licenças sem vencimentos. O afastamento físico do ambiente de trabalho permite ao professor equilibrar-se pelo distanciamento das dificuldades geradoras dos conflitos que está vivenciando.” Afastando-se temporariamente com a idéia de que os problemas acarretados anteriormente possam melhorar, mas chega um momento que os afastamentos não são mais suficientes para reduzir o desgaste emocional e físico.

Outro ponto da evasão docente e do desinvestimento que podemos investigar esta relacionado a formação inicial. Fonseca (2013) em pesquisa com ex-pedagogas mostra que diante do estresse, pressões e falta de condições de trabalho e salários baixos as mesmas desistiram da carreira. E traz como elemento principal a questão da formação.

[...] o curso de pedagogia não é suficiente para lidar com a atividade profissional de educador em uma escola. Quando perguntadas se a formação universitária atendeu às necessidades de atuação como professores na SEDF, três pessoas responderam que atendeu em parte e quatro que não atendeu. Nenhuma delas afirmou que o curso formou-as adequadamente para a docência. [...] a ênfase maior do curso foi teórica. Porém, indicaram haver uma falha na formação para a prática docente (FONSECA, 2013, p. 78).

Os professores ao conviverem com a realidade escolar, vêem que a teoria aprendida na faculdade não é suficiente e sentem dificuldades na prática docente. Na área da Educação Física não é diferente, sobre esse assunto Machado et al. (2010, p.140) afirmam:

Podemos notar uma dificuldade do professor em conceber a relação teoria e prática de forma diferente daquela vivenciada em seu curso de formação inicial em EF. Parece haver, principalmente, uma grande dificuldade em promover, na intervenção, uma mediação entre esses aspectos (teóricos e práticos).

A formação inicial é um fator importante apontado nas pesquisas, na dificuldade enfrentada pelo professor de associar aquilo que foi aprendido na graduação e com a realidade da escola. Santini e Neto (2005, p. 213) “ressaltam que a formação recebida foi [...] insuficiente e afastada da prática escolar com pouco valor e utilidade para o trabalho em escola pública e que somente com o trabalho cotidiano nas escolas é que realmente aprenderam algo.”

Muitos professores de Educação Física se frustram na tentativa de imitar o que aprenderam na formação inicial.

[...] os professores que tentam imitar os estereótipos aprendidos durante sua formação inicial correm o risco de passar da idealização inicial à decepção, devido à constante comparação entre as suas reais características e as qualidades do estereótipo ideal. Muitos professores descobrem, com certa angústia, que o que esperavam encontrar não existe, é diferente (SANTINI; NETO 2005, p. 217).

Descobrem que as teorias e os ideais propostos durante a formação, não são o suficiente para superar as limitações encontradas nas escolas, como exemplo a falta de materiais e indisciplina dos alunos.

Diante desses diversos elementos apontados, o professor de Educação Física precisa ser reconhecido e valorizado em seu trabalho e que a escola invista também e reconheça essa matéria como componente importante.

Conseqüentemente espera-se uma maior valorização, ou seja, o aumento do salário, o reconhecimento da Educação Física como área de conhecimento integrada à proposta pedagógica da escola e que esta ofereça condições de trabalho ao professor com uma infra-estrutura adequada às suas necessidades (MAI; FENSTERSEIFER, 2012, p. 6).

Em resumo, com base nos autores pesquisados, é possível afirmar, que o desinvestimento ou o abandono do trabalho docente, são termos semelhantes que caracterizam professores que abandonam o seu compromisso pedagógico, se sentem desanimados, mas continuam atuando na escola. No entanto estes termos estão além do abandono do compromisso pedagógico, também estão relacionados ao contexto que o professor esta inserido, advindo das dificuldades e desafios na escola. Por sua vez a evasão docente é caracterizada pelos professores que se desgastam profissionalmente, não aguentam os conflitos e insatisfação e resolvem abandonar a escola. Estes fenômenos são acarretados através de fatores enfrentados pelo professor de Educação Física dentro da escola, desde os salários baixos, falta de estrutura física e material, carga horária excessiva, necessidade de assumir atividades alheias á sua função/cargo. A visão dos atores escolares (direção, professores, alunos e pais) sobre a matéria de Educação Física, como disciplina secundária. E também fatores pessoais como, descontentamento com o emprego, problemas de saúde acarretados pelo o esgotamento profissional, pedidos de licenças curtas e longas. Além dos problemas encontrados na formação inicial.

Os conflitos e tensões que permeiam a escola e a atuação do professor de Educação Física dentro dela estão em um processo longo de conflitos, vindo de um processo histórico que permeia desde a sua formação, a sociedade e a cultura escolar, que desemboca

nos fenômenos do desinvestimento pedagógico ou abandono do trabalho docente e a saída do professor da escola, não sendo um fato isolado, e que merece ser explorado no âmbito da pesquisa científica.

3. Procedimentos Metodológicos

3.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa é caracterizada por ser uma pesquisa de cunho social que se preocupa com o fenômeno a ser estudado de forma integral. “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

A pesquisa qualitativa envolve captar os indivíduos pesquisados na sua íntegra, considerando todos os pontos de vista, este método de pesquisa vem sendo muito utilizado no campo das ciências humanas e principalmente da educação (GOELLNER et. al, 2010). A pesquisa qualitativa também é relacionada com a compreensão dos fatos de modo subjetivo.

As principais características que conceituam a pesquisa qualitativa descritas por Ludke e André (2012, p. 11) são:

- 1) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento [...] ; 2) os dados coletados são predominantemente descritivos [...] ; 3) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto [...] ; 4) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador [...] ; 5) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Essas cinco características demonstram que a pesquisa qualitativa se preocupa com os aspectos de descrição do ambiente e do fenômeno acerca dos sentidos atribuídos ao que esta sendo pesquisado. “A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas”. (KAUARK et. al, 2010, p.26).

Em pesquisa qualitativa a interpretação do objeto a ser estudado, não parte de técnicas quantitativas, mas de métodos que detalhem os objetivos da pesquisa. De acordo com Neto e Triviños, (2010, p. 61):

A base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição e análise e na interpretação e discussão das informações recolhidas no decorrer do processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Nas pesquisas qualitativas não há preocupação em generalizar os achados.

Em geral a pesquisa qualitativa descreve, explica e compreende o fenômeno que está sendo estudado, preocupando-se com os fatores sociais envolvidos e a opinião do sujeito da pesquisa.

3.2 Pesquisa exploratória

No âmbito da pesquisa qualitativa optou-se pela abordagem da pesquisa exploratória. De acordo com Triviños (1987, p.109):

Os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema. O pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimentos [...]

Assim a pesquisa exploratória, permite o aprofundamento do fenômeno a ser estudado, aproximando da realidade do problema em questão, que é pouco explorado. Dentre os objetivos dos estudos exploratórios Lakatos e Marconi (2003) indicam: familiarizar o pesquisador com o fenômeno ou fato e modificar ou explicar conceitos.

Além destes objetivos a pesquisa exploratória envolve segundo Gil (2007, p. 41): “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.” A pesquisa exploratória, portanto, faz com que o pesquisador familiarize-se com o objeto de estudo, buscando compreender o problema em seu contexto, através de estudos que já foram feitos e entrevistas com o sujeito da pesquisa, podendo surgir novos problemas a serem aprofundados.

3.3 Instrumento de coleta de dados

Para coleta de dados foi utilizada a entrevista, que é um instrumento utilizado para compreender a fundo um determinado assunto.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou

no tratamento de um problema social (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 195).

A entrevista é muito utilizada em pesquisas sociais e da educação, pois é uma técnica de coleta de dados sistemática e de aprofundamento sobre as questões da pesquisa. “[...] ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.” (LUDKE; ANDRE, 2012, p. 34). Sendo informações complexa ou não, permitindo esclarecer a fundo a natureza dos fatos, a partir de uma entrevista bem orientada.

[...] a) a entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; b) a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano; c) os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação (GIL, 2008, p.110).

A entrevista é feita por meio de gravação direta, aonde o pesquisador interage com o pesquisado, para obter informações acerca dos seus objetivos. “É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72).

As entrevistas podem ser classificadas em: estruturada, não estruturada, orientada e outras, mas a que utilizamos foi a entrevista semiestruturada, no qual:

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72).

A entrevista semiestruturada permite que o pesquisador faça outras perguntas que não estão dentro do roteiro, a partir das respostas do entrevistado, “[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.” (TRINIÑOS 1987, p.146). As perguntas feitas na entrevista semiestruturada têm característica de perguntas abertas, que induz o entrevistado a responder a pergunta de forma ampla e detalhada.

3.4 Roteiro de questão

Para o desenvolvimento da entrevista elaboramos um roteiro de questões que contemplam informações de identificação pessoal, bem como as temáticas de interesse na pesquisa, conforme descrição abaixo.

Nome:	Idade:
Formação inicial:	Formação continuada:
Experiência docente em anos:	
Níveis de ensino que atua:	

1. Quais são as dificuldades e desafios enfrentados no contexto do trabalho docente?
2. Quais são as dificuldades e desafios enfrentados em relação à Educação Física?
3. Essas dificuldades afetam seu estado de ânimo (animado/ desanimado) em relação ao desenvolvimento de seu trabalho? Diante das dificuldades, como você tem se sentido em seu trabalho docente?
4. Esse estado de ânimo tem afetado a qualidade de suas aulas? Como? Consegue oferecer um exemplo dessa situação?
5. Em algum momento, já pensou em desistir da docência?
6. Durante esse período, você já pediu alguma licença-saúde?
7. Em sua opinião, o que pode ser feito para a reversão desse quadro?

3.5 Os sujeitos participantes

Para a escolha dos sujeitos participantes definimos um perfil desejado, o qual pode ser caracterizado a partir da seguinte descrição: professores formados em licenciatura, que trabalham em escolas, tanto particulares ou públicas, e que estejam passando por dificuldades na docência, tais como desânimo ou desejo de desistir da docência.

3.6 A técnica de análise de dados

A análise de dados foi feita por análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977, p. 9) análise de conteúdo:

[...] pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que ocorre a indicadores.

De acordo com Ludke e Andre (2012, p.45): “Analisar dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis.” Desta forma, a análise de conteúdo em geral, tem como foco análise dos dados e exploração dos materiais.

Sendo mais utilizada em pesquisa com caráter qualitativo, a análise de conteúdo passa por processos de análise da mensagem/conteúdo dividida em três fases, Segundo Bardin (1977): 1) a pré-análise 2) a exploração do material, 3) tratamentos dos dados, as suas inferências e interpretação. A pré-análise é a fase de organização, como a formulação de hipóteses e objetivos, e a escolha do que vai ser analisado como, documentos, observação e entrevistas, que são preparadas formalmente e os indicadores da interpretação final. (BARDIN, 1977). A organização da pré-análise depende umas das outras, para obter resultados.

Depois de concluído a pré-análise, vem a exploração do material, que é a “administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 1977, p.111). Assim será a fase de classificação, enumeração e categorização dos dados obtidos. E a terceira fase segundo Bardin (1977, p. 101) é caracterizado por: “[...] síntese e seleção dos resultados, inferências e interpretação (utilização dos resultados de análise com fins teóricos e pragmáticos). ”

A análise e interpretação dos conteúdos são passos (ou processos) a serem seguidos. [...] Cada vez mais, análise de conteúdo passou a ser utilizada para produzir inferências acerca de dados, verbais e/ou simbólicos, mas, obtidos a partir de perguntas e observações de interesse de um determinado pesquisador. (FRANCO, 2007, p. 16)

A técnica de análise de conteúdo, interpreta, classifica, codifica e categoriza as mensagens (dados), a fim de obter sentidos e conclusões (inferência), do conteúdo analisado pelo o pesquisador.

4. Resultados e Discussões

4.1 Descrição dos dados

Antes de adentrarmos o conteúdo das entrevistas optamos por caracterizar os professores participantes, com informações relativas à idade, a formação inicial e continuada, bem como a experiência docente. Assim foram entrevistados quatro professores¹ de Educação Física, com as seguintes descrições:

Teresa tem 44 anos, formada em Educação Física, na Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás, também formada em Letras, com mestrado em Artes Visuais e Cultura Visuais. A experiência docente é de 18 anos. Atualmente atua com o Ensino Fundamental em uma escola pública.

Marcos tem 28 anos, formado em Educação Física, na Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás, tendo especialização em Treinamento Funcional e especialização em Gestão Escolar. A experiência docente é de 6 anos, com experiência em escola, academia, personal trainer, natação e escolhinha de voleibol. Atualmente trabalha na Educação de Jovens e Adultos.

Sara tem 25 anos, formada em Educação Física, na Pontifícia Universidade Católica, tem especialização em Docência Universitária. A experiência docente é de 5 anos. Atualmente atua na Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II na educação privada.

Lucas tem 26 anos, formado em Educação Física na área, na Universidade Salgado de Oliveira. A experiência docente em anos é de 1 ano, atuando com a Educação Infantil e Fundamental I e II, em um colégio privado.

Para descrição dos dados optamos por seguir a ordem das questões utilizadas no roteiro, cruzando as informações obtidas nas entrevistas dos quatro professores participantes.

Os primeiros aspectos questionados, referentes as questões 1 e 2, foram os desafios e dificuldades do trabalho docente de modo geral e da docência em Educação Física de modo específico.

¹Os nomes são fictícios no sentido de preservar a identidade dos colaboradores desta pesquisa.

A análise das respostas dos professores participantes nos permitiu identificar alguns desafios e dificuldades, quais sejam: salários baixos, falta de materiais e estrutura física, conflito entre gestão e professor, descompromisso dos alunos, os riscos sociais circunscritos a determinados contextos escolares e a desvalorização da Educação Física.

A dificuldade mais comum entre os professores é aquela ocasionada pela desvalorização da Educação Física, identificada na fala de três professores. A professora Sara aponta o descaso dos diretores e gestores com os professores da área e a disciplina em si, pela falta de apoio, incentivo e motivação dos professores. Os demais professores, trazem o ponto de vista da escola em relação a disciplina e descrevem da seguinte maneira:

[...] a valorização dentro da escola da nossa disciplina, a gente é quase que ali perto de ensino religioso e artes, não é considerado um conteúdo obrigatório. É uma aula pra diverti, uma aula pra fazer bem pra saúde, não é algo que eles acreditem que possa servir para a construção do conhecimento das pessoas (Marcos).

A educação física não que é que seja só um olhar pejorativo, mas parece a casa da mãe Joana, por exemplo, falta professor põe tudo na quadra. É mais fácil deslocar essa diversidade de alunos pra um campo local de trabalho da educação física. Então esse pra mim tem sido um dos embates, como se fosse assim: - não da uma bolinha pros meninos, deixa eles suadinhos, não tem onde por, põe na quadra. Já teve situações aqui dos dois turnos que fiquei com cinco turmas [...] (Teresa).

A desvalorização da Educação Física na escola é relatada pelos professores como disciplina de caráter recreativo e de espaço “fácil” para alocação de alunos das demais disciplinas quando da ausência dos professores responsáveis. Marcos relata novamente o caráter que dão à disciplina de Educação Física como secundária, mesmo sendo considerada uma disciplina obrigatória nos documentos, na prática ela não tem o peso para reprovação de alunos.

Sobre a desvalorização da Educação Física, Marcos acrescenta que o próprio professor não se valoriza dentro da escola, sendo também um dos culpados deste processo de desvalorização, quando se isenta da prática educativa entregando a bola para o aluno, caracterizado pejorativamente como professor “rola bola”.

[...] se eu não demonstro que tenho algo pra passar se toda aula que eles vêm os meninos estão brincando, seja adulto, seja criança, ta jogando bola jogando bola, jogando bola, eles também não dão valor nisso, a culpa não é só deles a culpa é nossa. Se a gente se valorizar, se a gente demonstrar que tem conteúdo que é importante, que chega a ser tão importante quanto a

matemática, quanto o português, eu acredito que a gente consiga contornar isso dentro da escola (Marcos).

Teresa relata o desafio dos riscos sociais que enfrenta na comunidade escolar, em especial a violência vivenciada durante a sua aula. Assim faz a seguinte afirmação:

Um dos desafios é a comunidade, que geralmente a escola pública ta inserida, eu já estive em setores de alta periculosidade, já vi baleamento durante a minha aula, então esses são os desafios lidar com uma escola pública peculiar e perigosa (Teresa).

Marcos e Sara apontam os desafios impostos pelos os salários baixos e a falta de material e estrutura física. O professor Marcos descreve, a falta de estrutura física e do material esportivo como o tatame e colchonete para trabalhar ginástica e lutas, como um dos desafios de seu trabalho, o que afeta a qualidade de suas aulas.

Não tenho muitos subsídios pra poder trabalhar, ainda mais na nossa área que depende muito do material. Eu não tenho um tatame, eu mal tenho colchonete pra trabalhar os conteúdos de ginástica e lutas não da pra trabalhar. Eu tenho uma limitação muito grande de bolas que é o principal e acho que é mínimo que a gente tem que ter (Marcos).

Na sequência os professores participantes foram questionados sobre seus estados de ânimo em relação ao desenvolvimento do seu trabalho. Ou seja, diante das dificuldades encontradas, qual o sentimento experimentado em relação ao trabalho docente.

Ao analisar a fala dos professores identificamos alguns estados de ânimos, ou sentimentos, dentre eles vale destacar: o desânimo, a desmotivação, a frustração e a ansiedade.

Professora Sara se sente muito desmotivada e desanimada com a escola que trabalha. A direção da escola e o descaso com a disciplina a incomoda, principalmente a cobrança gerada pela escola.

Muito, cheguei a pensar em desistir da Educação Física exatamente por causa do colégio em que atuo como docente. É muito desmotivante e desanimador chegar em um ambiente onde você não é bem recebido pelos seus diretores, onde não recebe incentivo, elogios e motivação, onde a estrutura e os materiais são de péssima qualidade por ser colégio particular, a cobrança é muita, o descaso com a disciplina em si é bem grande, a falta de interesse por parte dos gestores em investir em projetos da área (Sara).

Marcos se sente desanimado em decorrência do desinteresse dos alunos em suas aulas, pelas desculpas criadas para não fazerem como: de estarem cansados, pé torcido ou as meninas de estarem menstruada.

Então sempre vai ter uma desculpa o que não é inerente as outras disciplinas, dizendo: - eu não vou fazer uma conta matemática porque eu to cansado. Mas na educação física é meio complicado isso (Marcos).

Teresa diz que seu nível de ansiedade intensifica pela falta de material na escola, acredita que poderia contribuir mais para a formação dos alunos por conta da sua formação acadêmica tanto na graduação e no mestrado.

Meu mestrado foi sobre o lixo se transformando em recurso pedagógico artístico, então eu fico dialogando nisso do material, isso me causa um nível de ansiedade sim, e saber que eu poderia esta contribuindo muito mais com a formação dos meninos, por que eu sou da primeira turma do currículo humanista da educação física, então a gente saiu de lá com saberes múltiplos mesmo, um monte de coisa pra dialogar, sendo a bola um recurso apenas (Teresa).

Já o professor Lucas, ao se referir ao seu estado de ânimo, lembrou a dificuldade encontrada com a direção, pelas barreiras que colocam em suas aulas, o que caracteriza seu sentimento de frustração.

Afeta muito porque como você sai de uma faculdade com muitos projetos pra aplicar ali com seus alunos e quando você chega numa escola onde você vê da gestão um paredão que te impede de fazer algumas coisas, isso te frustra, me frustrou bastante quando eu me deparei com isso na escola (Lucas).

Complementando a questão anterior perguntamos aos professores se o estado de ânimo afeta a qualidade das suas aulas. Analisando as repostas dos professores, três afirmaram que o estado de ânimo afeta a qualidade de suas aulas e um relatou que não afeta.

Sara afirma que o desânimo afeta a qualidade de suas aulas, não obtendo o desejo de estar em seu ambiente de trabalho e diz:

Confesso que de um tempo pra cá já acordo com desânimo de pensar em ter que enfrentar o ambiente onde trabalho, mais especificamente em ter que enfrentar os diretores donos do colégio.

O professor Marcos se sente desanimado, como já mencionado na questão anterior, em relação às desculpas criadas pelos alunos para não fazerem as aulas e acrescenta que os aspectos físico, psicológicos e a carga horária excessiva, também são fatores que desanimam e afetam a qualidade de suas aulas.

Professora Teresa, afirma que afeta a qualidade de suas aulas o seu nível de ansiedade já relatado em relação ao material, também se intensifica em decorrência dos alunos não aceitarem outras atividades que não seja com a bola.

Tem uma turma aqui do ciclo dois que é problemática, uma turma assim bem heterogênea, bem agressiva e eles exaurem mesmo com essa falta de recursos, eles exaurem em qualquer perspectiva inovadora que você tenta dar, é também ainda arraigado neles a cultura da bola. Uma vez, por exemplo, eu não quis da bola, eles fizeram de lixo, sacola e jogaram mesmo assim desafiando autoridade

O professor Lucas afirmou que seu estado de animo não afeta a qualidade de suas, por ter pouco tempo na docência, ainda não chegou na escola desanimado, relatando que sente medo de chegar nesse estado como alguns colegas de trabalho.

Eu ainda não cheguei nesse ponto, mais vários colegas, amigos que já estão nesse patamar e realmente é complicado a gente vivenciar isso, porque eu como não cheguei nesse ponto, eu fico com medo de quando eu chegar o que vai acontecer sabe, então eu vou levando um dia após o outro, quem sabe vai dar certo.

Na sequência foi questionado aos professores se já pensaram em desistir da docência. A análise das repostas dos professores identificamos que dos quatro participantes, dois afirmaram que pensam em desistir e dois que não.

Sara e Marcos afirmaram que pensam em desistir da docência e indicaram as seguintes circunstâncias:

Já pensei, ainda procuro meios de não ter que sobreviver dela entendeu. [...] se você não trabalhar os três períodos, você não consegue viver bem e se a gente trabalha os três períodos a gente não consegue se dedicar bem aos três períodos entendeu. Então ainda penso em buscar e mexer em algum negócio pra mim, pra que eu não tenha que viver e perecer igual aos meus colegas de profissão mais velhos (Marcos).

Já sim. Cheguei a pensar em desistir da Educação Física exatamente por causa do colégio em que atuo como docente. Ainda penso em cursar outra faculdade e seguir outro caminho (Sara).

Teresa e Lucas não pensam em desistir da docência. Teresa afirma que sente tristeza pelo o que escolheu e se conformou com a realidade da escola. Já Lucas relata que a família incentiva a desistir, pois acreditam que poderia atuar em outras áreas.

Não, assim desistir não, eu tenho um abatimento com o que eu escolhi, uma tristeza mesmo. Eu não falo assim que to desanimada, sou realista, assim parece com o que a gente ta contribuindo é tão pouco (Teresa).

Eu nunca pensei em desistir mais a gente escuta muita coisa de parente, de amigos e quando eu falei não, eu vou ser professor, vou entrar na escola, eu quero ser isso e no dia-a-dia foi confirmando minha profissão. Até hoje eu escuto da minha família: - mas você fez educação física, você pode atuar em tantas outras áreas, porque você vai escolher justamente escola, porque você vai escolher justamente o que vai te estressar mais (Lucas).

Além do desejo de desistir da docência questionamos sobre a necessidade de pedidos de licença-saúde. Ou seja, se algum professor, diante das dificuldades e desafios, se afastou para tratamento médico e/ou psicológico.

Dos quatro participantes, uma professora pediu licença-saúde e o os demais não precisaram pedir, porém deram opinião sobre o assunto.

A professora Teresa diz que precisou pedir licença psiquiátrica em decorrência do baleamento presenciado em sala de aula, causando um trauma psicológico e assim foi preciso pedir afastamento do ambiente de trabalho e relata:

Eu socorri o menino, eu falo menino, mas é educação de jovens e adultos, e eu socorri a vítima, lembrei como é que fazia pro pulmão não colaba que ele teve um baleamento no pulmão direito, eu fiz uma rolha e ele sobreviveu. As professoras viraram pra mim e falaram assim: ou professora porque você não deixou ele morrer? Ele era traficante. Até isso eu escutei então eu fiquei muito abalada, agora mesmo narrando pra você é como se eu voltasse na cena, eu lembro, por exemplo, das poças de sangue, ele em cima de mim, ele pedindo pra eu socorrer, então foi muito traumático pra mim isso, muito triste (Teresa).

O professor Marcos relata que ainda não pediu licença-saúde, por estar muito novo e descreve maneiras de contornar quando o físico e o psicológico não estão bem.

Mais eu consigo contornar bem, é a nossa área diferentemente das outras ela tem ela nos da uma flexibilidade, então quando meu físico não esta muito bem eu posso trabalhar de uma forma mais leve a aula entendeu, se não estou conseguindo se estou muito cansado, mais quando meu mental não esta muito bem, eu posso trabalhar numa forma mais corporal entendeu (Marcos).

A professora Sara, também não pediu licença-saúde, porém faz uma crítica aos donos do colégio por não permitirem a licença, relatando: "Não, até porque para os donos do colégio

não temos o direito nem se quer de adoecer. Na visão deles estamos sempre inventando doenças desculpas para faltar o trabalho."

Diante das inúmeras dificuldades relatadas, na última pergunta, questionamos os professores sobre o que poderia ser feito para reversão desse quadro.

A partir da análise foi possível identificar algumas sugestões para reversão desse quadro, entre elas: valorização financeira, investimento na estrutura física e nos materiais, rompimento com a cultura da bola, autonomia e incentivo ao professor.

Os professores Marcos e Lucas ao se referirem a valorização financeira, se sentem insatisfeitos com o salário que o professor recebe, pois este profissional merece ser valorizado financeiramente e afirmam:

Primeira coisa é valorizar financeiramente, a gente tem piso salarial e muitos lugares que não são cumpridos, se você pega escolas particulares o piso é pior ainda. Então é uma desvalorização tremenda, acaba que o mercado nosso saturado de estagiário, não que seja ruim, mas a gente perdi em qualidade, de serviço e a maioria dos profissionais da nossa área buscam outras forma de renda, então a gente tem os mais qualificados que não trabalham dentro da área, e os menos qualificados tomam o lugar, porque por conta da renumeração financeira (Marcos).

Renumeração que a gente ver hoje que os professores hoje não são renumerados como merecem, então isso também nos desestimula muito, igual minha mãe mesmo ela trabalha de serviços gerais e ganha mais do que eu. A própria diretora da minha escola já chegou pra gente e falou na primeira reunião que participei da escola, num debate com os outros professores: - porque vocês não montam um boteco, vocês vão ganhar bem mais do que ser professor (Lucas).

A professora Teresa acredita que pode se reverter as situações de dificuldades, se a Educação Física se desprender do tecnicismo e da cultura da bola, esse fato esta ligado em uma questão anterior, quando se queixa dos alunos quererem somente a bola em suas aulas.

A educação física, romper mesmo com o tecnicismo, com a cultura da bola, é conseguir explicar que as linguagens que a educação física dialoga elas são muito mais ricas que a bola (Teresa).

Sara e Lucas relatam outra sugestão, a autonomia do professor dentro da sala de aula e liberdade de expressão de ideias, os gestores da escola criam barreiras tanto nas aulas e em reuniões, limitando o trabalho do professor. Assim a professora Sara elenca vários fatores

para reversão das dificuldades enfrentadas pelo os professores. Na análise da fala percebemos a ênfase em alternativas para superar os conflitos entre professor e direção da escola.

Acredito que o incentivo deveria ser maior, a motivação, os elogios, o investimento na parte estrutural e materiais, o apoio em novos projetos, abertura e espaço para maior liberdade de expressão e ideias do professor, direito a autonomia para os professores e muito em especial a ética e o profissionalismo por parte dos gestores e diretores (Sara).

4.2 Discussão do resultado

Os resultados revelaram que os professores enfrentam diversas dificuldades e desafios, o que aparece em destaque é a desvalorização da Educação Física dentro da escola, que no caso específico desse trabalho se configurou através dos atores escolares (alunos, direção e gestão), por tratarem a disciplina com caráter não obrigatório na escola. A direção da escola não reconhece a disciplina responsável pela transmissão de um conjunto de conhecimentos, assim a definem como: disciplina que não reprova e lugar de recreação e de espaço “fácil” para alocação de alunos das demais disciplinas quando da ausência dos professores responsáveis. Para os alunos o descompromisso e o desinteresse em relação as aulas e a resistência por outros conteúdos da Educação Física, que não seja o de jogar bola.

Esses resultados corroboram com os achados de Pich et al. (2013) em destaque a visão dos atores escolares em relação a Educação Física, reconhecida como disciplina secundária, um espaço de recreação, que evidencia a desvalorização da disciplina na escola. Na fala de alguns professores encontramos essa realidade, da direção e os alunos conceberem a Educação Física como um lugar de brincar, divertir, suar e correr. A mesma situação é encontrada em Machado et al. (2012, p. 139) “A escola possui uma visão acerca da função pedagógica da EF muito distante da perspectiva que a entende como um componente curricular com um saber a ser transmitido/tematizado [...]”

A desvalorização da Educação Física na escola também esta relacionada ao próprio professor não mostrar o conteúdo de suas aulas, sobretudo aquele professor conhecido pejorativamente como professor rola bola, o que tem sido discutido pelos autores com base no conceito do abandono do trabalho docente ou desinvestimento pedagógico.

O abandono do trabalho docente [...] é entendido como uma forma de atuação profissional que recebe denominações do tipo *rola bola*, *largobol*, *aula matada*. [...]. Com frequência, o professor com este perfil converte-se em simples administrador de material didático, atividade que não exigiria, em princípio, formação superior (GONZÁLES et al. 2013, p. 3).

Outra dificuldade identificada é a falta de material e a limitação da estrutura física, também encontrada nas falas dos colaboradores desta pesquisa. Gaspari et al. (2006) na mesma direção, relatam a falta de material e estrutura física como uma das queixas dos professores de Educação Física. A falta de material é um fator preocupante na disciplina de Educação Física, pois o professor para desenvolver suas aulas precisa desses recursos e também de espaço físico apropriado, muitos professores não o conseguem. Esse aspecto está intimamente relacionado à desvalorização da Educação Física.

Machado et al. (2012) afirmam quando a escola não dá legitimidade para a disciplina e não a reconhece como disciplina de construção de conhecimento, dificulta a realização de práticas pedagógicas de qualidade. Por não ter esse reconhecimento a escola não vê a necessidade de adquirir materiais e uma melhor estrutura física para as aulas de Educação Física.

Vale destacar outra dificuldade e desafio advindo dos riscos sociais circunscritos a determinados contextos escolares, como a violência encontrada na fala de uma professora. De acordo com Santini e Neto (2015), as violências vivenciadas pelos professores nas escolas públicas geram um quadro de medo, ansiedade e muitas vezes de depressão, afetando o estado emocional do professor.

Vários elementos vão constituindo as dificuldades e desafios do professor de Educação Física na escola, limitação de material esportivo e estrutura física, a desvalorização da Educação Física, a violência na escola e outras dificuldades também encontrada nas entrevistas, a insatisfação financeira, carga horária excessiva, os conflitos entre gestão e professor.

Essas dificuldades identificadas no relato dos professores corroboram resultados de pesquisas anteriores. De acordo com Santini e Neto (2015) são múltiplos fatores que configuram essa realidade, o uso indiscriminado de contratos temporários, ter múltiplas funções além do seu cargo, quantidade de alunos e turma, falta de espaço físico e materiais para as aulas, carga horária excessiva que acarreta a falta de tempo para qualificação. E por

Mai e Fensterseifer (2012, p. 9) destacamos problemas da “[...] formação inicial e a atuação profissional; supervalorização do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física; a desvalorização da Educação Física; a insatisfação financeira; e o desencanto com o magistério.”

A desvalorização da Educação Física é um ponto chave no abandono do trabalho docente, tendo um peso maior nas dificuldades encontradas na presente pesquisa. O fato de não ser reconhecida como um componente curricular, responsável por um campo do saber traz muitos problemas que afetam o professor, pois os gestores não se preocupam com as questões do material e espaço físico e não se importam em colocar turmas das demais disciplinas, nas aulas de Educação Física, quando da ausência dos professores responsáveis.

Essa realidade desafiadora vai gerando nos professores sentimentos como o desânimo, a desmotivação, ansiedade e frustração, afetando a qualidade das aulas da maioria dos professores entrevistados.

Esses sentimentos podem acarretar o desejo de desistir da docência, nas entrevistas percebemos dois professores que estão nessa realidade. Em especial uma professora se sente desanimada não obtendo mais o desejo de estar na escola que trabalha em decorrência dos problemas enfrentados.

[...] o que acaba por acontecer é que as pessoas passam a desacreditar na possibilidade de atingirem seus objetivos naquele local de trabalho, de vez que se sentem enfraquecidas e tomadas por sentimentos de impotência, de falta de sentido naquilo que fazem, isoladas pessoalmente, sentindo-se estranhas em seu próprio meio e estranhas em relação a si próprias (LAPO; BUENO, 2003, p. 83).

De acordo com Lapo e Bueno (2003, p. 77) a evasão na docência, é ocasionada pela “burocracia institucional e o controle do trabalho do professor, a escassez de recursos materiais, a falta de apoio técnico-pedagógico e a falta de incentivo ao aprimoramento profissional.” Esses problemas vão gerando o descontentamento profissional e a saída do professor da escola, assim como relatado pela professora, o desejo de procurar outra faculdade para mudar de profissão e do outro professor que também pensa em desistir e, com isso, abrir um negócio.

Dos professores que não pensam em desistir, o que chamou nossa atenção foi a professora que se conformou com a realidade que convive na escola, com sentimentos de tristeza pelo que escolheu. Esse sentimento de tristeza e abatimento se deve ao fato de ter presenciado um baleamento em sua aula, sendo necessária uma licença psiquiátrica, pelos

traumas deixados pela tragédia e também como uma maneira de se distanciar do trabalho para não se lembrar do ocorrido.

A insatisfação com a realidade do trabalho escolar, por vezes, tem como consequência o adoecimento do professor. De acordo com Lapo e Bueno (2003, p. 80) os pedidos de licença, são caracterizados como abandono temporário “por meio de faltas, licenças curtas e licenças sem vencimentos. O afastamento físico do ambiente de trabalho permite ao professor equilibrar-se pelo distanciamento das dificuldades geradoras dos conflitos que está vivenciando.”

Ao mesmo tempo em que reconhecem as inúmeras dificuldades do trabalho docente, os professores vislumbram alternativas para reverter essa dura realidade.

Os resultados revelaram várias alternativas, em primeiro lugar a valorização financeira e o investimento em materiais e estrutura física. Os professores sentem-se insatisfeitos com a sua remuneração profissional, de fato o profissional que recebe abaixo do seu potencial sente que seu trabalho não compensa tanto esforço. Assim como a valorização financeira, o investimento nos materiais e estrutura física é relevante, pois obtendo os materiais e estrutura física adequada, contribuiria para o desenvolvimento do trabalho do professor na escola.

A luta por um salário digno e uma melhor condição de materiais e estrutura física, já vem sendo um ponto bastante discutido na área da docência em especial na Educação Física. Conforme Gaspari, et. al (2006, p. 130):

Algumas sugestões, como melhorias nas condições de trabalho, melhores salários [...], são reivindicações que já fazem história e que caracterizam a classe do magistério no Brasil, principalmente em escolas públicas; são reivindicações que, de acordo com os professores, facilitariam o processo na busca por melhoria na qualidade social da educação.

Muitos alunos e também a direção da escola, vêem as aulas de Educação Física um lugar para jogar bola, assim uma professora desta pesquisa acredita que reverteria esse quadro através do rompimento com a cultura da bola. Gaspari et al. (2006, p. 118) afirmam “[...] que a cultura escolar para as aulas de Educação Física restringe o espaço para esta aula as quadras, e nestas é desenvolvido predominantemente apenas o conteúdo esportivo, mais especificamente o futebol”.

No caso específico da nossa pesquisa essa sugestão adquiri um papel de destaque, uma vez que a maior dificuldade enfrentada pelos professores é a desvalorização da disciplina. Todavia é preciso identificar estratégias efetivas para enfrentar a desvalorização da Educação Física na escola. Em nosso entendimento essa problemática tem haver inicialmente com a

formação dos professores, com o reconhecimento do que é de fato a Educação Física na escola. A outra também do professor se posicionar dentro da escola, convencendo a comunidade escolar, os gestores, os demais professores e os próprios alunos sobre a disciplina de Educação Física ser parte do currículo escolar e responsável por um campo de saber.

Outra reivindicação é o incentivo e a autonomia do professor na escola, a direção da escola não deixa que o professor trabalhe de maneira livre, em especial em colégios particulares, o que restringe a atuação do professor.

As questões do abandono do trabalho docente e desinvestimento pedagógico é um problema grave dentro da escola, que merece um olhar atento. Os nossos resultados deram indicativos sobre a gravidade desse problema enfrentado na escola, em que o professor de Educação Física não encontra legitimidade social nesse espaço. A visão reducionista da disciplina de Educação Física, de disciplina secundária, sem conhecimento a ser passado, é advinda desse caráter da desvalorização da disciplina. Os atores escolares e em alguns casos o próprio professor de Educação Física não reconhecem a disciplina como componente curricular, o que dificulta o processo de legitimar a Educação Física na escola. Ao mesmo tempo, foram identificados uma variedade de problemas que vão minando os esforços e a motivação dos professores, a ponto de alguns deles adoecerem ou cogitarem abandonar a docência.

5. Considerações Finais

O objetivo geral do presente trabalho foi investigar o fenômeno do desinvestimento pedagógico e do abandono do trabalho docente no contexto da Educação Física. Por sua vez, os objetivos específicos foram identificar as dificuldades enfrentadas na docência, bem como as alternativas vislumbradas pelos próprios professores para reversão desse quadro.

Os resultados revelaram que a desvalorização da Educação Física escolar aparece como aspecto mais relevante, que desemboca nas dificuldades e desafios enfrentado pelos professores, como a falta de material e estrutura física, conflito entre gestão e professor, a disciplina de Educação Física ser considerada pelos atores escolares como disciplina secundária e de recreação, o descompromisso dos alunos em fazerem as aulas e a resistência em relação aos outros conteúdos da Educação Física, para além de jogar bola. Constatamos também que esses problemas e dificuldades enfrentados pelos professores, geram um descontentamento, desânimo, frustração e ansiedade, que prejudica a qualidade de suas aulas e, as vezes, o conduz ao desejo de desistir da docência.

Trata-se de um problema complexo, pelo envolvimento de vários elementos constituídos na escola que não é só julgar e denominar o professor como “rola bola” ou que suas aulas são “ruins”, mas entender os contextos sociais que estão inseridos. De fato, as vezes o professor tem sua parcela de culpa, por não reconhecer o que é a Educação Física na escola, porém a pesquisa demonstra os inúmeros desafios da docência na escola, com o papel destacado para a falta de legitimidade da Educação Física no ambiente escolar, o que contribui para o desinvestimento e o abandono do trabalho docente.

Percebemos que esses problemas graves afetam a vida dos professores, merecendo ser mais investigado e discutido na formação inicial, bem como mais pesquisas que aprofundem essa temática. Os futuros professores de Educação Física precisam compreender esse fenômeno e buscar alternativas de superar os obstáculos da desvalorização da nossa profissão, que poderia também ser uma futura pesquisa científica.

Esperamos de fato que essa situação complexa seja revertida e a disciplina de Educação Física seja reconhecida como disciplina importante para construção do conhecimento dos alunos, porém não se pode perder de vista que a valorização da docência perpassa por melhoria de salário, da carreira e condições de trabalho.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Editora 70, 1977.
- FONSECA, M. P. **Porque desisti de ser professora: um estudo sobre a evasão docente**. 2013. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de pós-graduação da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2013.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2º Edição. Brasília. Editora Liber Livro, 2007.
- GASPARI, T. C. et al. Realidade dos professores de educação física na escola: suas dificuldades e sugestões. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa, v. 14, n. 1, p. 109-137, 2006.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º edição. São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- GERHARDT, T. E. ; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 1º Edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOELLNER, V. S.; FILHO, R. R. A.; FRAGA, B. A; MAZO Z. J. ; STIGGER P. M.; NETO M. M. Pesquisa qualitativa na Educação Física Brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física**. Maringá, v. 21, n. 3, p. 281-410, 2010.
- GONZÁLEZ F. J. ; FENSTERSEIFER P. E. ; RISTOW, R. W. ; GLITZ, A. P. O abandono do trabalho docente em aulas de Educação Física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar. **Educación Física y Ciencia**. Bueno Aires, v. 15, n. 2, p. 2-15, 2013.
- LAPO, F. R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 118, p. 65-88, 2003.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa qualitativa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. Editora pedagógica e universitária, 2012.
- MACHADO, T. S.; BRACHT, V.; FARIA, B. A.; MORAES, C.; ALMEIDA, U. ; ALMEIDA, F. Q. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 16, p. 129-147, 2010
- MAI, C.; FENSTERSEIFE, P. E. . O desinvestimento pedagógico em educação física: um estudo de caso na rede pública de ensino do município de Ijuí. In: V Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte, 2010, Itajaí. **Anais...** Itajaí: UIVALI, 2010, p. 1-10.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5º edição. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- NETO, M. V; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física**. 3º Edição. Porto Alegre, Editora Sulina, 2012.

PICH, S.; SCHAEFFER P. A.; CARVALHO, L. P. **Revista Educação**. O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física na dinâmica da cultura escolar. Santa Maria, v. 38, n. 3, p. 631-640, set./dez. 2013

SANTINI, J. ; NETO, V. M. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. São Paulo, v.19, n.3, p.209-22, jul./set. 2005

TRINIÑOS, A. N. S. **Introdução á pesquisa em ciências sociais**. 1º Edição. São Paulo. Editora Atlas, 1987.